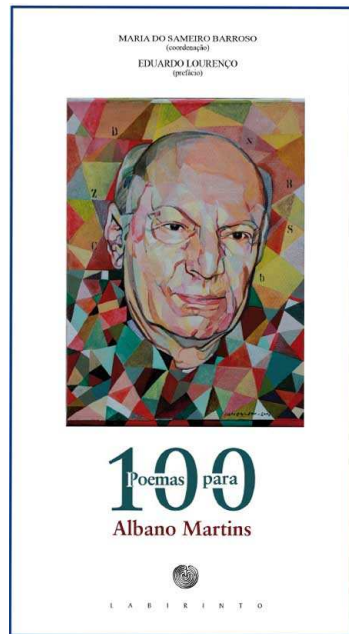


"100 POEMAS PARA ALBANO MARTINS"

UMA ANTOLOGIA HISTÓRICA COM A PARTICIPAÇÃO
DE UMA CENTENA DE POETAS DE PORTUGAL, ESPANHA E BRASIL



Em nota de abertura que, pelo seu excelente recorte literário, é em si mesma também um poema, a organizadora desta antologia, Maria do Sameiro Barroso, sublinha a multiplicidade de vozes poéticas que engrandece este trabalho de homenagem, partilha e de afetos, tanto de participantes de Portugal como de Espanha e Brasil, com inéditos de elevado apuro criativo.

Maria do Sameiro Barroso assinala a dado momento: «(...) Os poetas unem-se particularmente às vozes que, um dia, foram seu tronco, seiva, húmus. Por vezes, escutam o coro diáfano dos deuses, transportam o sol, perscrutam o futuro, elevam o tempo, o espaço, alicerçando-se nas raízes antigas.» E realça: «As águas imortais fundem-se neste espaço curto, longo, onde acedemos a Albano Martins e à respiração acesa das suas palavras, livres, transparentes, por entre as suas sombras opacas, abertas à fulguração do mundo».

A antologia *100 Poemas para Albano Martins*, editada pela Labirinto, num volume com belíssima capa de Emerenciano, conta com um prefácio notável de Eduardo Lourenço. O prestigiado ensaísta diz sobre a poesia do autor homenageado: «(...) É o mistério claro das mais comuns experiências humanas, que são ao mesmo tempo as mais naturalmente profundas. Quer dizer, as do visível e sensível convertidas no mistério dos mistérios, de tão primordiais e opacas ao mesmo tempo. Em suma, o imponderável, que é o coração da realidade ou aquilo que para nós, por ser tão consubstancial à nossa respiração e sentimento de nós mesmos e das coisas que nos falam da sua nudez, é a ordem do inexprimível.» Acentua ainda: «Para Albano Martins, a existência na sua face épica e mesmo real ou prosaicamente dramática é aquela que só a poesia de essência trágica exprime. Não é esta versão dela o seu alimento primeiro, visceral. A sua poesia é, assumidamente, canto do efémero e só nessa efemeridade aflora a dimensão trágica, como a espuma do mar no movimento agónico das profundezas. Também não enraíza numa visão onírica da vida (como a de Herberto Helder) ou mesmo fantástica como a da tradição romântica. Talvez apenas porque não depende ou enraíza numa visão de perfil transcendente, mítico ou simbólico. Quando muito na mera mas incontornável "transcendência" da realidade mesma, inscrita no cerne das coisas onde uma espécie de sol está incluso e lhe dá sentido».

Eduardo Lourenço, analisando minuciosamente a poética de Albano Martins, cotejando inclusive um ou outro poema neste prefácio, adianta que, embora inscrita numa vocação solar, «a sua poesia não é uma ingénua aleluia da existência, tão consciente está da sombra que a acompanha e do fim da espera, embora sem ceder à pura desesperança.» Refere, entretanto, o modo original como Albano Martins inscreve a sensualidade nos seus poemas, numa «espécie de erotismo angelizante» e como lida, no campo formal, com expressões aparentemente inconciliáveis, cruzando ou misturando «a poética do

efémero (...)» com o poema em prosa de «tradição romântica», onde atinge, porventura, e sobretudo no seu livro *Rodomet Rododendro*, «o ponto mais alto da aventura canonicamente poética de Albano Martins, a meio caminho entre o lirismo intemporal e a modernidade».

Focando este livro marcante da obra de Albano Martins, o ensaísta refere que as «evocações oníricas à beira do silêncio estão cheias de todo o rumor do mundo, dos seus odores, cores, perfumes, corpos luminosos e iluminados pelo amor que os recria em *Rodomet Rododendro*. Mas, diz, «são também viagem no espaço da memória sacral da mais alta poesia, o da música ou do canto que como nenhum outro dá uma voz e um corpo à pura irrealidade que o poeta convoca e exorciza.» E cita um trecho daquele livro de Albano Martins:

Dizes que tudo é irreal e não há espelhos que nos revelem a face verdadeira ou o perfil, sequer, aquele onde outrora os rododendros floresciam como espigas ao vento. E também o vento é vão, dizias, dizias. Que só o crepúsculo é verdadeiro, o crepúsculo dos deuses. Esse, repetes, repetes, pulsa na música de Wagner, nos metais espalmados e nas vozes mortíferas de sopranos e barítonos. De Callas morta, viva na sombra fulminada que repercute nos interstícios da percussão sanguínea.

E recebes como dádiva a noite. Um berço para adormecer a angústia e a solenidade ritual do fogo há pouco extinto.

Eduardo Lourenço conclui: «Escutando bem, aqui se ouvem as vozes imemoriais dos autores sem tempo a que Albano Martins, admirável tradutor de muitos, dedicou tanto fervor como a respiração do mundo que o sagrou Poeta».